



SUBSÍDIOS

## Da violência ao Apocalipse na obra de René Girard *From violence to Apocalypse in René Girard's work*

Ênio José da Costa Brito\*

**Resumo:** O presente artigo visita a tese de Mauricio G. Righi, intitulada *A Conversão da “Besta”*: Apocalipse e escatologia no pensamento de René Girard, tese que “resume-se a um estudo aprofundado em teoria mimética, sublinhando seu desenvolvimento interno e gradativo na direção do apocalipse, este entendido como corrente específica de pensamento”. Num primeiro tópico, apresenta sinteticamente o conteúdo dos capítulos, para, num segundo, pontuar alguns passagens da mesma. Tese criativa e provocante.

**Palavras-chave:** Teoria mimética. René Girard. Apocalipse. Mecanismo vitimário. Escatologia.

**Abstract:** This essay reviews the thesis of Mauricio G. Righi, entitled “The Conversion of the Beast: Apocalypse and Eschatology in René Girard”. The thesis is a “deep study in the mimetic theory, underlining its internal and gradual development towards the apocalypse, understood as a specific thought stream”. In a first topic it presents synthetically the contents of the chapters, and in a second moment it points some of its passages. A creative and provocative thesis.

**Keywords:** Mimetic Theory. René Girard. Apocalypse. Scapegoat mechanism. Eschatology..

### Introdução

Nas décadas de 1980 e 1990, René Girard foi bastante estudado no Brasil. Depois, os estudos sobre ele diminuíram. Na atualidade, ele volta a ser estudado, e suas obras têm sido traduzidas e publicadas no Brasil. A editora *É Realizações*, por exemplo, tem publicado inúmeras obras de Girard e também estudos sobre ele. No âmbito acadêmico, teses vêm sendo defendidas, como, por exemplo, a de Mauricio G. Righi, intitulada *A conversão da “Besta”: Apocalipse e Escatologia no pensamento de René Girard*. A tese foi defendida no PEPG em Ciência da Religião da PUC-SP em 10 de dezembro de 2018. Participaram da banca os professores doutores João Décio Passos (orientador), Antônio Carlos Frizzo, Antonio Manzatto, Pedro Lima Vasconcellos e Ênio José da Costa Brito. A tese já está disponível na Biblioteca Virtual da PUC-SP.

A proposta do autor é desafiadora:

A presente tese resume-se a um estudo aprofundado em teoria mimética, sublinhando seu desenvolvimento interno e gradativo na direção do apocalipse, este entendido como corrente específica de pensamento. Valendo-nos de parte expressiva da obra e pensamento de René Girard, idealizador da teoria mimética, defendemos um progressivo deslocamento das categorias e conceitos antropológicos dessa teoria para as categorias

---

\* Professor titular do PEPG em Ciência da Religião da PUC-SP. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Imaginário Religioso Brasileiro (Veredas)”. Vice-coordenador do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora (CECAFRO-PUCSP). Editor da Revista “Último Andar”.

e conceitos teológicos do apocalipse, numa resignificação presente nos últimos livros do teórico francês (Righi, 2018, p. 6)<sup>1</sup>.

Minha intenção, neste breve artigo, é partilhar com os leitores as anotações feitas por ocasião da participação na banca que avaliou o trabalho de Righi. Frente à riqueza e complexidade da tese, optei, num primeiro momento, por apresentar minha recepção do conteúdo de cada capítulo, dando, assim, oportunidade aos leitores de entrarem em contato com o minucioso trabalho hermenêutico realizado pelo autor. Em seguida, comento alguns tópicos que despertaram minha atenção.

Righi, ao introduzir sua pesquisa, nos relembra de que:

A teoria mimética completará, em poucos anos, seus sessenta anos de exposição pública. Seu autor, falecido no final de 2015, um acadêmico de renome internacional, *immortel* da Academia Francesa, deixou-nos a tarefa de compreendê-la em sua real complexidade, exortando alunos e colaboradores para que explorassem outros caminhos para a teoria, abrindo, se possível, novas frentes de investigação e análise (Righi, 2018, p. 12).

Primeiro, uma palavra sobre a Introdução da tese. Nela, o autor deixou claros os inúmeros desafios assumidos: esclarecer o que uma teoria abertamente avessa aos paradigmas da modernidade tem a dizer sobre ela. “Teoria que ilumina seus processos internos [processos internos da modernidade], enxergando suas mais recônditas vísceras” (p. 13). Resgatar a natureza radicalmente intuitiva da teoria, seu vínculo orgânico com o pensamento reflexivo, sutil e assombrosamente profundo (p. 13). Esmiuçar as categorias, conceitos e reflexões de uma teoria viva e em processo de construção (p. 17). Mostrar o desenvolvimento interno da Teoria Mimética (p. 17), que se confunde com o desenvolvimento do próprio autor. Sendo o desafio maior o de demonstrar a orientação apocalíptica-escatológica da teoria mimética (p. 14), isto é, “mostrar que houve um processo contínuo de assimilação apocalítica que invadiu o pensamento de Girard desde 1950, conduzindo a uma escatologia progressivamente conectada ao apocalipse e ao apocalipse de João” (p. 18). Desafio que é problematizado na página 192: “em que medida é possível inserir a obra e o pensamento de Girard nos parâmetros próprios da corrente de pensamento apocalíptico?”.

O leitor é convidado, na Introdução, a caminhar por uma vereda metodológica eminentemente histórico-analítica (p. 15), para que perceba a coerência interna de uma teoria geral que não é unanimidade no mundo acadêmico (p. 13).

Nas palavras do autor, o centro nervoso da tese é

[...] a orientação apocalíptica-escatológica da teoria mimética [...] De seu primeiro livro *Mentira Romântica*, ao último, *Rematar Clausewitz*, abstrairmos um arco de pensamento cujo percurso revela nítida aproximação com as categorias conceituais, simbólicas e epistemológicas do apocalipse (p. 15).

---

1 Passaremos a indicar apenas as páginas da tese deste ponto em diante.

## Um flash sobre os capítulos

O Capítulo primeiro, intitulado *Mimetismo-Categorias Primeiras: Desejo Mimético e Metáfora*, está estruturado em duas partes: *Relatividade do Eu: Mentira Romântica e Verdade Romanesca* e *Recuperação histórica e insight psicológico – Dostoiévski: do duplo à unidade*.

Na primeira parte, deixa claro que “a teoria mimética não é um sistema, como muitos tendem a vê-la, um conjunto de regras epistêmicas fechado, mas um insight sobre a natureza mimética do desejo, uma apreensão que ilumina os fundamentos da sociabilidade humana tanto em sua base, quanto em sua orientação (p. 13)<sup>2</sup>.

Explicita, ainda, que a riqueza contida potencialmente em *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* será atualizada/desvelada ao longo das obras de Girard, isto é, passará da potência ao ato no processo de “conversão” do mesmo Girard à perspectiva apocalíptica.

Na segunda parte, Righi descreve o processo de libertação pessoal e literária de Dostoiévski, isto é, o deslocamento de um Dostoiévski romântico para um romanesco, que se torna mais ciente da natureza mimética, portanto, conflituosa do desejo (p. 45); “preocupa-se, também, em relacioná-lo com o ambiente histórico, circundante, este em aprisionamento estrutural” (p. 45). Esta segunda parte se edifica na tensão entre a vivência de um Dostoiévski profeta e anunciador “celeste”, que se liberta e uma crise da sociedade que se aprofunda sem estabelecer relações diretas de causa e efeito entre história, política e literatura. Girard “pretende inserir o escritor russo numa longa tradição profética, muito além dos limites da literatura ficcional, situando-o como crítico social *sui generis*, como se fosse o anunciador de um julgamento específico: o apocalipse moderno” (p. 50).

*Antropologia da conversão; categorias segundas – Mecanismo Vitimário e Antropologia Revelada* é o título do segundo capítulo, também ele subdividido em duas partes.

Na primeira parte, apresenta o “mecanismo vitimário” como fundamento primeiro do ordenamento social (p. 65)<sup>3</sup>; mostra que o sacrifício, por meio de sua lógica fundante – uma lógica de contenção –, possibilita depreender aspectos medulares dos mitos, dos ritos e dos tabus (p. 67). Associa, então, o religioso a violência, na qual a religião passa a ser vista como sistema primeiro e indispensável de contenção social da violência.

Com isso, estabelece-se uma fortíssima associação entre o religioso e a violência. A teoria mimética demonstra, então, os primeiros segmentos de uma tese maior: um novo entendimento, antropológicamente fundamentado, de “religião”, quando esta passa a ser vista como sistema primeiro e indispensável de contenção social da violência,

---

2 Para Girard, o desejo mimético é: “o desejo segundo um Outro, singular ou plural, o que designa/sugestiona, ao sujeito que deseja, o que e o que não é desejável. No humano, o desejo é sempre mimético, pois compreende, necessariamente, um sistema prévio de relações sociais, de inter-relacionamento, pelos quais os desejos circulam” (p.16).

3 Mecanismo vitimário: “o sistema social primeiro de apaziguamento, de resolução interna de conflitos, via solução sacrificial, o qual se instala num grupo qualquer após um linchamento bem-sucedido, cujo resultado foi a sacralização de um *bode expiatório*, qual seja, uma pessoa ou animal considerado gravemente culpado pelos males sociais do grupo”. (p. 16)

especialmente nos formatos socialmente explosivos de culturas banhadas de sangue. Logo, depreende-se que não haveria humanidade possível sem religião, ou seja, sem a instalação dos mais variados sistemas vitimários no centro do sagrado (p. 69).

Girard, no decorrer da análise, aproxima-se, gradualmente, das narrativas proféticas do Antigo Testamento e postula a adoção de uma antropologia vislumbrada nos “Evangelhos”. Bem mais tarde, na página 204, vai defini-la como “antropologia evangélica”.

Na segunda parte, Righi dedica-se à análise de “coisas ocultas”, mostrando que o conhecimento que vem da vítima revela “o que seriam as coisas ocultas desde a fundação do mundo” (p. 114). Isto é, temos a revelação explícita de tudo o que ocorreu antes como “a conscientização dos procedimentos de ocultação mitológica, manipulação ritual e constrangimento legal na edificação de *cosmos* fundados e mantidos por tremendos aparatos sacrificiais, verdadeiros momentos de injustiça” (p. 114).

O longo capítulo terceiro (80 páginas) intitulado *Apocalipse, Gênese e Desenvolvimento*<sup>4</sup>, nos seus quatro tópicos – depois de ter introduzido a epísteme apocalítica em suas características mentais e simbólicas – aponta o desaguar da visão apocalítica nos Evangelhos e também no pensamento moderno, particularmente na obra e pensamento de Girard. Righi desenha, aí, uma meticulosa *mandala apocalítica*. Antes de desenhar a mandala, trazemos um breve comentário do autor sobre o apocalipse:

Com efeito, o apocalipse, herdeiro *sui generis* de correntes diversas de pensamento, muitas das quais hoje inacessíveis, algumas secadas em corredeiras esgotadas pelo tempo, outras integradas a veios ainda caudalosos, foi assumindo os contornos subversivos dessa mentalidade especial de *livramento*, em que foi se escudando, em doses progressivas, uma autonomia intelectual frente aos discursos do sagrado violento: o sacer primitivo. Caminho esse que desaguou não só na grande Bacia dos Evangelhos, mas infiltrou-se também no pensamento moderno e, particularmente em nosso caso, na obra e pensamento de Girard (p. 133).

Pontos que compõem a “mandala apocalítica”: a apocalítica em suas bases históricas e litúrgicas; seu período formativo e pré-literário, marcado por uma reação à “religião de Estado” em configuração imperial; o contexto religioso-político, tanto da Judeia Romana quanto do Cristianismo primitivo; a recuperação e contextualização histórica do apocalipse como hermenêutica que denuncia o sagrado arcaico; e o Evangelho de João, ponto de partida exegetico e histórico para o estudo do apocalipse e da apocalítica (pp. 134-193).

Passos estes que visam uma recuperação histórica e simbólica do apocalipse, com vistas a entrelaçar teoria mimética e apocalipse (p. 198). Nas palavras do autor: “fizemos aqui uma recuperação *histórica e simbólica* do apocalipse, um levantamento de seu contexto mental e institucional, para que pudéssemos avaliar em que medida é possível inserir obra e pensamento de Girard, um teórico moderno, nos parâmetros próprios dessa corrente de pensamento” (p. 193).

---

4 Relembra Righi “em nosso caso, definimos apocalipse como corrente de pensamento que tem, na revelação celeste sobre o estado generalizado de falência/corrupção da sociedade/cosmos, um princípio de interpretação histórico e metahistórico, uma hermenêutica que esclarece, vai a Julgamento, uma reparação cósmica irreversível” (p. 16).

Destaco, em seguida, quatro afirmações que apontam para veredas analíticas presentes no texto e desafiam futuros pesquisadores a percorrê-las: “ao recuperar o apocalipse se recupera o grande tronco hebraico do cristianismo” (p. 179); “o apocalipse foi um desenvolvimento próprio ao hebraísmo, desenvolvimento autóctone, um prolongamento do profetismo israelita” (p. 183); “a apocalítica é a mãe da teologia cristã” (p.187) (afirmação de Kaseman); e “para penetrar nos veios profundos do Evangelho faz-se necessário levar em conta o repertório profético-apocalítico” (p. 192).

Ao terminar o capítulo, Righi afirma ter preparado:

[...] o terreno para entrelaçar, na sequência, teoria mimética e apocalipse, em posse das categorias e conceitos que nos permitirão discutir em profundidade os meios largamente apocalípticos do pensamento desse autor francês. Essa vocação ao apocalipse deu a Girard, como veremos, a fama de polemista, pessimista e exagerado (p. 198).

No último capítulo, intitulado *O processo Revelador-Espiral de Escândalos escalada aos extremos*, estruturado em três partes, a saber: *A novidade hebraico-cristã: Eu vi satanás cair do céu como um raio*; *Apocalipse e violência – considerações necessárias*; e *O apocalipse de Girard – rematar Clausewitz*<sup>5</sup>, volta-se para o movimento que Girard realiza ao incorporar, deliberadamente o apocalipse na última fase do seu pensamento:

[...] ao incorporar, deliberadamente, o apocalipse na última fase de seu pensamento, Girard, tomando-lhe o vocabulário e hermenêutica, debruça-se, num primeiro momento, sobre um desses reinos: o de Satã, avaliando-o em implicações históricas e, sobretudo, antropológicas, tomando-o como força deste mundo em perspectiva evangélico-apocalíptica. O seu pensamento assume então contornos nitidamente apologéticos, deixando-se impregnar pelo “espírito” da Boa Nova, por sua mensagem libertadora, o que o torna uma espécie de apologeta heterodoxo, cujo ferramental analítico enraíza-se em pressupostos antropológicos (p. 203).

Além do passo dado na direção apocalíptica, Girard abre sua antropologia religiosa para uma teologia mística.

Nesse momento, a *antropologia religiosa* de Girard, fundamentada nos alicerces da teoria mimética, firmada em seus encadeamentos internos, abre-se para uma teologia mística, ao encontro da qual nunca fora preparada. Podemos apenas especular quais teriam sido os frutos desse casamento tardio, rebentos que certamente viriam caso o teórico francês não tivesse sofrido um AVC(s) que, em 2010, interromperam-lhe bruscamente obra e pensamento (p. 267).

Nesse movimento importante Girard reconhece, estabelece, explica e mostra: reconhece as bases evangélicas de sua epistemologia (p. 205); a prioridade semântica, conceitual da terminologia bíblica, principalmente, dos Evangelhos (p. 206); e que Jesus revela de modo absolutamente didático a lógica interna do mecanismo vitimário (p. 206). Estabelece a paixão de Cristo como o alfa e o ômega não apenas da teoria mimética, mas de qualquer tentativa de compreensão do humano em bases não miméticas (p. 214). Explica que a guerra cósmica do Apocalipse de João tem natureza espiritual e mostra que a teologia mimética e o apocalipse se fundem e o que seria o apocalipse segundo Girard (p. 243).

---

5 GIRARD, René. *Rematar Clausewitz: além da guerra – Diálogos com Benoît Chantre*. São Paulo: É Realizações, 2011.

Finalizo esta primeira parte com uma longa citação, na qual Righi recupera o percurso feito nas duzentas e sessenta e sete páginas que cobrem os quatro capítulos da tese.

Podemos dizer que ao estabelecer, via apocalipse, a anterioridade substancial do Logos do Deus da vítima sobre o sacer tribal, o sagrado forjado nas relações humanas, fabricado em nosso caldeirão mimético, nossa imagem e semelhança autoprojeta, Girard redescobre a transcendência do Filho, encontrando a paz intelectual que tantas vezes lhe escapara, rematando, por assim dizer sua própria obra. Muito além de Clausewitz, Girard remata o seu pensamento, encerrando uma longa peregrinação investigativa originada no romance moderno, reencaminhada em direção à tragédia, aos mitos e ao arcaico, avançada aos limites da hominização, para então ser recuperada nos profetas, na tradição bíblica e, sobretudo, nos evangelhos e apocalipse, uma linha investigativa em que o apocalipse esteve sempre presente, desde seu primeiro livro *Mentira Romântica*, mas que, de coadjuvante, passou a ocupar espaços maiores, até assumir a “a voz” de uma trombeta que proclama a entrega do destino do mundo ao Cordeiro (pp. 266-267).

## Pontuações

Uma leitura atenta de *Mentira Romântica*<sup>6</sup> desvela, gradualmente, a presença de uma religiosidade latente no desejo. Dois tópicos chamam atenção: 1) – a proximidade de linguagem entre a terminologia da teoria Mimética e a terminologia religiosa; e 2) – como René Girard chegou à intuição de uma religiosidade latente ao desejo (p. 33).

Essa intuição de uma religiosidade latente ao desejo humano depende do reconhecimento tanto de sua base quanto de seu percurso. De fato, em sua base está o entendimento de que o objeto do desejo “constitui-se apenas num meio de alcançar o mediador, pois é o *ser* desse mediador que o desejo almeja”<sup>7</sup>. Isso dá ao desejo um significado transcendente, um direcionamento invisível e altamente subjetivo, por fim, um sentido abertamente metafísico (p. 33).

No capítulo primeiro, temos várias menções a Dostoiévski como um “profeta da modernidade” (pp. 49-50). Girard alça Dostoiévski à condição de “profeta da modernidade” por considerar sua obra um instrumento hermenêutico de compreensão do mundo, insere o escritor russo numa longa tradição profética, muito além dos limites da literatura ficcional, situando-o como crítico social *sui generis*, como se fosse o anunciador de um apocalipse moderno (p. 50), como um anunciador escatológico da crise moderna (p. 32).

Para Girard, o desejo mimético é uma realidade intransponível no humano, o contraponto; os melhores modelos a ser imitados são os desprovidos de violência e se encontram na revelação cristã.

Ao longo da leitura, toma-se consciência de que Girard amplia a concepção do conceito de sacrifício.

Aqui está uma das novidades teóricas dispostas em *A Violência e o Sagrado*. Pelo sacrifício, por meio de sua lógica fundante, é possível depreender aspectos medulares dos ritos, mitos e tabus. Estes se organizariam, em primeira instância, como apêndices

---

6 GIRARD, René. *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*. São Paulo: É Realizações, 2009.

7 GIRARD, RENÉ. *Mentira Romântica*, p. 77.

da “mentalidade sacrificial” sem a qual deixam de ser antropológicamente inteligíveis (p. 67)<sup>8</sup>.

Aponta, também, para o funcionamento medular do arcaico, sua lógica de fundo.

Com efeito, tanto o rito quanto o mito encontram-se na determinação de uma consciência social que se unifica e se justifica à custa de uma ameaça que será ritualmente expulsa, mitologicamente tratada e interditamente controlada. Temos então o funcionamento medular do arcaico, sua lógica de fundo, tão mais eficiente quanto desconhecida. (p. 68)

Duas afirmações de Girard apresentadas por Righi podem ser mais exploradas: “O sacrifício é uma história de homens, e é em termos humanos que ele deve ser interpretado” (p. 78) e “a violência impõe uma visão falsificada de Deus, de tudo mais” (p. 113).

Gostei muito de uma passagem síntese apresentada na preparação para o exame do apocalipse de João, que se encontra na página 183, em que se afirma: “O subtexto em João não é Platão, mas Isaías; o contexto não é a ágora, mas o templo de Salomão; o personagem principal não é o Logos de Heráclito, mas o Logos do Filho do Homem” (p. 183).

Righi, com essa afirmação, quer insistir no fato de que, no prólogo do evangelho de João, “a terminologia pode ser grega, mas o contexto é o da *teologia do templo* do sumo sacerdócio dravídico” (p. 183). Afirmação que tem, também, reflexos na análise conjunta dos Evangelhos e Apocalipse, na qual o autor os integra num arcabouço mental-emocional-simbólico comum. Com relação aos Evangelhos, Righi propõe uma hipótese ousada, que não chega a discutir na tese:

Se de fato não haveria uma base apocalíptica, um apocalipse ou o Apocalipse, por trás dos quatro Evangelhos, experiência mística (oracular) compartilhada entre Jesus e os seus mais próximos (talvez, Pedro, Tiago e João), que foi parcialmente revelada e reelaborada, em parábolas, nos relatos evangélicos. (p. 186)

Para Righi,

O pensamento de Girard se destinou, ao fim e ao cabo, a desconstruir meticulosamente, e com base nos fundamentos antropológicos da revelação cristã, a dogmática moderna do progresso, denunciando-lhe a cosmologia sacrificial oculta, portanto, mítica, o que o tornou, como procuramos defender, um autor de genuíno pedigree apocalíptico nos termos específicos dessa corrente de pensamento. (p. 198)

Ao partilhar tanto o conteúdo com algumas pontuações relacionadas com a tese de Maurício G. Righi, tenho consciência de que nem de longe conseguir apontar toda a riqueza de pormenores e reflexões apresentadas pelo autor. Minha esperança é de que a leitura deste breve artigo desperte a curiosidade dos leitores para visitar a tese, enquanto

---

8 GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. De acordo com René Girard, “os homens são governados por um mimetismo instintivo responsável pelo desencadeamento de comportamentos de apropriação mimética, geradores de conflitos e rivalidade de tal ordem, que a violência seria um componente natural das sociedades humanas a ser incessantemente exorcizado pelo sacrifício de vítimas expiatórias”. É uma ideia vigorosa e, claro, “o homem é um animal mimético”. A esse elemento dá-se o nome de desejo mimético. Dellova, *Antropologia Jurídica*, p. 208.

esperamos pela publicação<sup>9</sup>. O leitor tem em mãos uma produção acadêmica madura, com equilíbrio raro na linguagem, vigorosa e elegante. As sínteses apresentadas ao final de cada capítulo são de muita ajuda. Quem não está familiarizado com o pensamento girardiano encontra nas duas primeiras partes uma consistente introdução ao mesmo.

Righi mostrou, ao longo da tese, a lenta e gradual assimilação por parte de Girard da visão apocalíptica, mas, ao abrir inúmeras vertentes analíticas para pavimentar esta assimilação, acaba por dificultar um pouco a recepção. Sua argumentação é intensa, mas concatenada, e seu percurso é de uma elegância invejável.

O diálogo ocorrido por ocasião da defesa mostrou que o texto é criativo e provocante, abrindo um filão inesgotável de debate com seus pares. Finalizo com um testemunho pessoal: ao terminar a leitura, me senti mais preparado para analisar o momento apocalíptico que estamos vivendo e que viveremos no Brasil nos próximos anos.

Para concluir, dou a palavra ao autor da tese:

Na reunião que se fez entre teoria mimética e apocalipse, uma reunião que exprime sinteticamente a trajetória pessoal e intelectual de Girard, houve um experimento em Ciência da Religião pelo qual pudemos avaliar a força hermenêutica incomensurável de uma teoria-insight que confere, ao desejo humano, um potencial infinito de ser (p. 269).

## Referências

DELLOVA, Piero Nardella. Histórico mítico-antropológico da violência, do desejo mimético e do modo sacrificial. In: \_\_\_\_\_. *Antropologia Jurídica. Um contribuição sob múltiplos olhares*, 2017.

GIRARD, René. *Rematar Clausewitz: além da guerra – Diálogos com Benoît Chantre*. São Paulo: É Realizações, 2011.

GIRARD, René. *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*. São Paulo: É Realizações, 2009.

GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

RIGHI, Mauricio G. *A conversão da “Besta”. Apocalipse e Escatologia no pensamento de René Girard. Tese de Doutorado em Ciência da Religião. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. São Paulo, 2018.

RIGHI, Mauricio G. *Pré-História & História – As instituições e as ideias em seu fundamento religioso*. São Paulo: É Realizações, 2017.

Recebido: 2 de janeiro de 2019.

Aprovado: 4 de abril de 2019.

---

9 Mauricio G. Righi publicou sua dissertação de mestrado *Pré-História & História – As instituições e as ideias em seu fundamento religiosos*. São Paulo: É Realizações, 2017.